

# Foice Martelo

www.marxismo.org.br

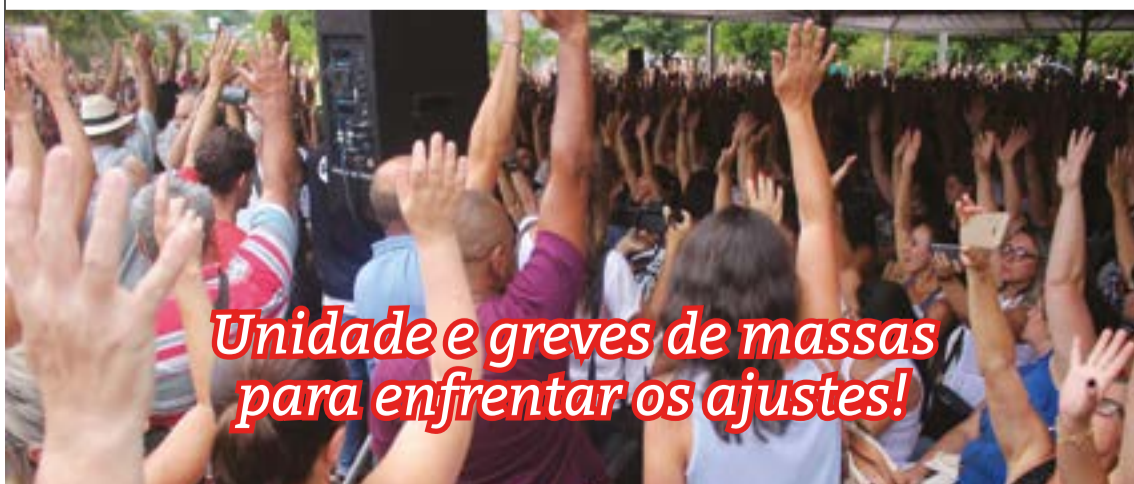
11 de Março de 2017 • Nº 102 • R\$ 3,00 • Jornal da Esquerda Marxista - Seção brasileira da Corrente Marxista Internacional

*"A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES."* (KARL MARX)



## Servidores de Florianópolis mostraram o caminho

PÁG 7



## Ataques no Rio de Janeiro avançam

PÁG 2



## Publicidade e a Reforma do Ensino Médio

PÁG 8



Assine um jornal proletário e independente



**Foice & Martelo**

Análises marxistas sobre os temas atuais, sempre voltadas ao interesse da classe trabalhadora.

Acesse [www.livrariamarxista.com.br](http://www.livrariamarxista.com.br) ou [www.marxismo.org.br](http://www.marxismo.org.br) e assine!

**10**  
edições R\$30

**15**  
edições R\$45

**20**  
edições R\$60

**40**  
edições R\$120

## POLÊMICA

# 15 de Março: Greve e paralisação nacional

RIOBALDO TARTARANA  
[jornal@marxismo.org.br](mailto:jornal@marxismo.org.br)

O dia 15 de março está marcado como um dia Nacional de Lutas e paralisações contra a Reforma da Previdência. Os sindicatos dos professores do país inteiro têm organizado assembleias com previsão de paralisação nesse dia, a partir da determinação do congresso da CNTE. A CUT está investindo em chamar seus sindicatos para participarem desse dia, assim como as demais centrais.

O que está em jogo é se é possível ou não barrar a Reforma da Previdência que acaba com a aposentadoria. Sindicatos como Metalúrgicos do ABC já realizaram passeatas e estão discutindo a sua participação nesse dia.

Por outro lado, em certa medida, há um atraso na preparação geral de manifestações. Locais e horários das manifestações ainda não estão sendo divulgados, sendo que isso é essencial para a participação dos trabalhadores.

A importância que está sendo dada ao tema pelos partidos de esquerda mostra também uma diferença. O PSOL coloca em sua página várias notícias e pronuncia-

mentos contra a Reforma da Previdência e está divulgando uma petição on-line sobre o assunto. O PCdoB, por sua vez, destaca em uma nota de sua comissão política o posicionamento contra a Reforma e o chamamento ao ato do dia 15. O PT, entretanto, só coloca o chamamento de um seminário dos parlamentares a se realizar no dia 9 de março. Todos destacam que o dia internacional das mulheres seria um dia de luta contra a reforma da previdência.

Nós lembramos que a luta dos servidores de Florianópolis mostrou como os governos podem ser enfrentados: com unidade e determinação, com uma posição firme de defender os direitos ao invés de “negociá-los”. O que está faltando então?

A Esquerda Marxista lembra que é preciso dar voz à base. Nós entendemos que é necessário a convocação imediata de uma plenária sindical e popular, pelas centrais sindicais, movimentos e partidos que são contra a reforma que possa decidir as formas e os meios de barrar a reforma. A base, representada por seus delegados, vai encontrar os caminhos para barrar a Reforma e retirar Temer da Presidência.

FELIPE ARAUJO  
[felipe.araujo87@hotmail.com](mailto:felipe.araujo87@hotmail.com)

Michel Temer apresentou como “solução” para estados em crise um Plano de Recuperação Fiscal. O acordo empurra em 3 anos as dívidas das unidades federativas com a União, permitindo que elas acumulem mais empréstimos, ou seja, que se afoguem ainda mais na lama. O governador do RJ, Pezão, abraçou a ideia e está disposto a fazer qualquer sacrifício para ter essa “solução milagrosa”.

Uma das exigências é a privatização da Cedae, Companhia Estadual de Águas e Esgotos, uma das poucas empresas públicas que ainda geram lucro. Outras exigências são: congelamento dos salários dos servidores durante três anos, proibição de novos concursos públicos, aumento na contribuição previdenciária (de 11% para 14%), redução da jornada de trabalho com redução de salários etc.

Mas alguém acredita que essas medidas são capazes de tirar o RJ do atoleiro? A crise possui raízes MUITO mais profundas, trata-se da crise do capitalismo como um todo, ela não se resume ao problema da corrupção ou “má gestão”. É uma crise em escala interna-



Manifestantes contra ajuste fiscal

cional, muito além dos cartões postais do Rio.

Todo o sistema está desmoronando e os governos comprometidos com o grande capital tentam adiar seu colapso, sangrando todos nós. Essas medidas compõem o plano nacional de austeridade para nos fazer pagar a fatura da crise e não se separam da Reforma da Previdência, PEC 55 (congelamento dos gastos), Reforma do Ensino Médio e reforma trabalhista. Nós resistiremos!

Do lado de cá temos a juventude e os batalhões pesados da classe trabalhadora, dispostos a combater por nossos direitos. Um exemplo de que podemos vencer vem dos servidores municipais de Florianópolis (SC) e seu sindicato (Sintrasm), que numa greve histórica derrotou os ataques da prefeitura. Seu segredo foi uma sólida unidade da categoria, que foi até os bairros dis-

## Quem Somos

A Esquerda Marxista (EM) é uma organização revolucionária de luta pelo socialismo.

Como seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (CMI), participamos em todo o mundo da luta pela abolição do capitalismo e pela República Socialista Universal dos Conselhos.

Lutamos contra a colaboração de classes dos reformistas. Mas, nada temos a ver com os ultraesquerdistas que se dedicam ao divisionismo e ao denunciamento impotente.

Nós lutamos pela unidade e pela independência política da classe trabalhadora. Nosso objetivo é ajudar os trabalhadores e a

juventude revolucionária a construir um partido operário revolucionário e socialista de massas.

A Esquerda Marxista dirigiu as ocupações de fábricas no Brasil lutando por sua estatização sob controle dos trabalhadores. Lutamos por Transporte, Saúde e Educação Públicos e gratuitos para todos. Pela reestatização de tudo o que foi privatizado, contra a criminalização dos movimentos e organizações dos trabalhadores, em defesa das conquistas e reivindicações da classe trabalhadora e da juventude. O capitalismo e seus partidos são nossos inimigos. Lutamos pela revolução e pelo socialismo.

## Foice & Martelo

CONSELHO DE REDAÇÃO  
Serge Goulart, Alex Minoru,  
Johannes Halter, Riobaldo  
Tartarana e Evandro Colzani.

EDITOR  
Johannes Halter

JORNALISTA RESPONSÁVEL  
Rafael Prata MTB nº 40040/SP

DIAGRAMADOR  
Evandro Colzani

[jornal@marxismo.org.br](mailto:jornal@marxismo.org.br)  
[www.marxismo.org.br](http://www.marxismo.org.br)

Rua Tabatinguera, 318, Centro  
São Paulo/SP - CEP: 01020-000  
Fone: (11) 3101-8810

## EDITORIAL

# A instabilidade política e o PSOL

ESQUERDA MARXISTA  
jornal@marxismo.org.br

O IBGE divulgou, em 7 de março, o resultado oficial do Produto Interno Bruto (PIB) do país em 2016: queda de 3,6%. O que se soma à retração de 3,8% em 2015. Ou seja, apesar das tentativas do governo de transmitir tranquilidade e otimismo, a verdade é que este conjunto configura uma recessão brutal da economia nacional, “talvez a maior da história republicana”, como avaliado pelo jornal burguês O Estado de São Paulo.

A medida imediata do governo Temer foi antecipar o programa de concessões de infraestrutura, ou seja, a privatização do patrimônio nacional. Além de, junto com o Congresso Nacional, acelerar a aprovação da Reforma da Previdência.

Enquanto isso, o desemprego segue subindo, chegando a 12,9 milhões de trabalhadores em janeiro, segundo os dados oficiais.

## Um governo odiado

Os seguidos ataques aos direitos e conquistas da clas-

se trabalhadora e da juventude fazem com que o ódio popular a esse governo se amplie. Os irrisórios 10% de aprovação se expressaram até mesmo no carnaval, com diferentes blocos de rua pelo país sendo contagiados pelos gritos de “Fora Temer”, o que também ocorreu nas manifestações do Dia Internacional da Mulher, o 8 de março.

A situação convulsiva só é parcialmente contida pelas manobras dos aparelhos sindicais e pela confusão e desilusão das bases operárias, geradas pelas traições do PT e sua falência política. Mas o ódio se acumula e grandes explosões se preparam.

A vitoriosa greve dos servidores de Florianópolis (veja mais na pág. 7) mostrou que uma política firme da direção, a luta de massas, a mobilização pela base, é que pode derrotar os ataques dos diferentes governos. Neste sentido estaremos nas mobilizações do dia 15 de março, apontando também que não basta as direções decretarem dias de luta se não mobilizam a base.

## Entrar no PSOL para seguir o combate

Diante do conjunto da situação, a construção/reconstrução de um partido de classe e de massas é uma tarefa necessária para abrir uma saída política para os trabalhadores, retomando, em um nível superior, aquilo que o PT foi em sua origem. Este combate passa hoje pela intervenção no PSOL, batalhando por sua construção, pela construção da Esquerda Marxista, e o enraizamento do partido na classe trabalhadora e na juventude.

A Executiva Nacional do PSOL aprovou, em fevereiro, o ingresso da Esquerda Marxista como tendência do partido. Entramos no PSOL para seguir na construção da organização revolucionária, defendendo nossas ideias e posições, seguindo no combate pela revolução proletária e o socialismo. Entramos com todas nossas bandeiras e defendendo nossas posições entre os trabalhadores e a juventude como sempre fizemos.

Os exemplos internacionais demonstram que em uma situação convulsiva, a falência política dos partidos reformistas



Manifestações de foliões durante Carnaval misturaram festas com protestos

tradicionais propiciou o crescimento de agrupamentos políticos à esquerda: Syriza, na Grécia; PODEMOS, na Espanha. Outra coisa foi o que fez o Syriza, que no poder, traiu e aceitou as medidas de austeridade. A adaptação e capitulação está no DNA do reformismo.

Não é possível afirmar de antemão que o PSOL seguirá o crescimento desses partidos. Mas ele reúne as condições para ser o desaguadouro da busca de jovens e trabalhadores por uma alternativa à esquerda. As eleições municipais do ano passado deram visíveis sinais nesse sentido. Tal possibilidade traz, ao mesmo tempo, grandes responsabilidades para a dire-

ção do PSOL, que estará cada vez mais submetida às pressões das instituições burguesas. Só a independência de classe e a luta decidida contra esse sistema, o capitalismo, é que poderá abrir um caminho de organização e luta da classe trabalhadora.

Convidamos todos os simpatizantes e apoiadores da Esquerda Marxista a se filiarem no PSOL, fortalecendo assim o PSOL e a própria Esquerda Marxista. Este é um importante passo para nossos combates futuros e atuais por um mundo livre da exploração e opressão promovidas por este sistema decadente.

**Filie-se ao PSOL! Junte-se à Esquerda Marxista!**

## INTERNACIONAL

# O que há por trás da “Greve Internacional das Mulheres”

EVELYN GONZALES  
evelynmora.z@gmail.com

Publicado originalmente na Viewpoint Magazine, em 3 de fevereiro, com o título “Para além do ‘faça acontecer’: por um feminismo dos 99% e uma greve internacional militante em 8 de março”, o chamado pretende dialogar com reivindicações pelos direitos das mulheres ocorridas em diversas partes do mundo.

Assinado por diversas acadêmicas, o chamado pretende realizar uma luta internacional das mulheres convocando àqueles que se reivindicam do feminismo para “construir em seu lugar um feminismo para os 99%, um feminismo de base, anticapitalista; um feminismo solidário com as



Manifestação de 8 de março em SP, marcada por chamado internacional

trabalhadoras, suas famílias e aliados em todo o mundo”. Ainda segundo o documento, as reivindicações não são apenas pelas pautas imediatas ligadas aos direitos das mulheres, mas começam a estar conectadas contra a desigualdade salarial e contra a burguesia, incluindo uma

luta “anti-racista, anti-imperialista, anti-heterossexista”. A proposta é que exista “um dia de greves, marchas e bloqueios de estradas, pontes e praças; abstenção do trabalho doméstico, de cuidados e sexual; boicote e denuncia de políticos e empresas misóginas, greves em instituições educacionais”.

Nós marxistas temos acordo no que diz respeito a luta contra a violência doméstica e sexual, salário igual por trabalho igual, pela legalização do aborto. Embora tenha boa intenção buscando lutar pelas reivindicações transitórias, atrelando-as a uma luta de fundo “anticapitalista”, é um erro desconsiderar a luta pela emancipação da mulher aliada com a classe trabalhadora

como um todo.

Clara Zetkin, revolucionária ligada ao movimento da classe operária, foi uma das impulsionadoras do Dia Internacional da Mulher Trabalhadora que passou a ser comemorado no dia 8 de março, cujo significado foi capitaneado pela ideologia burguesa apenas como uma “comemoração”, desconsiderando o caráter de luta dessa histórica data. Zetkin dizia que “de mãos dadas com o homem de sua classe, a mulher proletária luta contra a sociedade capitalista”, ou seja, a emancipação das mulheres faz parte da emancipação da classe trabalhadora em seu conjunto. Os problemas que enfrentam as mulheres trabalhadoras podem e devem ser

utilizados para elevar a consciência da classe trabalhadora em seu conjunto, pautando a opressão das mulheres sob o capitalismo e a necessidade do socialismo para lutar contra isso. Não podemos deixar que a luta pela libertação da mulher ocorra como um movimento isolado que divida a classe trabalhadora. Em uma greve é necessária a participação da maioria dos trabalhadores ou estudantes, sejam homens e mulheres, em prol das conquistas.

Miremos no exemplo das trabalhadoras russas em 1917 contra as péssimas condições de vida impostas pela sua condição de classe, que foram o estopim da Revolução Russa, a mais importante revolução da história.

# 100 ANOS DA REVOLUÇÃO RUSSA e a Luta das Mulheres

FRANCIS MADLER  
francismad@gmail.com

## A organização das mulheres russas

A sociedade russa pré-revolucionária continha diversos elementos de opressão à mulher, assim como as demais sociedades ao redor do mundo, mas com alguns elementos ainda mais atrasados em relação ao papel da mulher na sociedade.

A Rússia era um país predominantemente agrário e governado por czares. Às mulheres russas cabiam o matrimônio, o trabalho doméstico ou a prostituição. A cultura campesina e o baixo desenvolvimento industrial do país eram complicadores para a discussão sobre a questão da mulher naquele contexto.

Uma vez que a questão da mulher era uma das preocupações das organizações naquele período,

em 1908 foi realizado o I Congresso de Todas as Mulheres Russas, iniciativa das feministas burguesas russas, com o objetivo de tentar reunificar as mulheres após a revolução de 1905. Nesse evento, Alexandra Kollontai organizou uma delegação de mulheres trabalhadoras, que apresentaram uma resolução. Nesta resolução, apresentaram a posição contrária à criação de um movimento feminista integrado por mulheres de todas as classes sociais, defendendo a consolidação de um movimento de proletárias, reivindicando, naquele momento, o sufrágio universal.

Em 1914, Kollontai escreveu um panfleto no qual apresentava sua concepção da “nova mulher”:

*A nova mulher é essencialmente uma unidade de trabalho independente, cuja energia é usada não para servir aos interesses de uma economia privada familiar, mas para transformar um trabalho socialmente útil e necessário.*

Para ela, a função dos atos no Dia Internacional das Mulheres era servir de meio para mobilizar as mulheres trabalhadoras. Era uma forma de despertá-las para a necessidade da sua organização no movimento operário, para lutar pela revolução socialista.

Em 1916, em meio à Primeira Guerra Mundial, os atos do Dia Internacional da Mulher tiveram como objetivo protestar contra a guerra. No ano seguinte, as mulheres desempenharam um papel central no início da Revolução Russa. Com o motim iniciado pelas operárias no dia 8 de março (23 de fevereiro pelo calendário juliano, adotado no império), colocou-se em marcha o processo revolucionário. Segundo estudiosos, essa ação das mulheres russas foi definitiva para marcar o 8 de março como o Dia Internacional da Mulher, celebrado em todo o mundo. Uma série de atos das mulheres naqueles dias fizeram avançar o processo de tomada do poder. No dia anterior ao motim, as mulheres de Petrogrado saíram às ruas, donas

de casas que estavam na fila do pão somaram-se ao movimento, assim como as operárias das fábricas e oficinas. Já eram 190 mil mulheres quando entoaram a palavra “Pão para nossos filhos!”. Dois dias depois, iniciou-se uma greve geral e em 12 de março os revolucionários constituíram o soviete de Petrogrado.

Ainda em março de 1917, o Partido Bolchevique criou o Secretariado de Mulheres Trabalhadoras. Em 1918, aplicaram mudanças que visavam melhorar a condição social das mulheres russas. Alterações legislativas foram feitas e programas de educação e trabalho foram planejados. Em relação ao casamento, as mulheres passaram a ter os mesmos direitos dos homens, de conservar seus nomes e de pedir o divórcio. O casamento foi separado da Igreja e o aborto foi legalizado em 1920. Aprovou-se o direito das mulheres receberem salários iguais por trabalhos iguais e a licença maternidade remunerada. As mulheres tiveram o direito ao voto em 1917, tornando a Rússia o primeiro país a aprovar o sufrágio universal feminino.

Em 1919 foi criado o Departamento da Mulher do Partido Comunista (Zhenotdel), responsável por coordenar o trabalho voltado à mulher. O trabalho era intenso e, para atingir todas as mulheres trabalhadoras, eram realizadas reuniões com a leitura dos materiais para as trabalhadoras analfabetas. Além de Kollontai e Clara Zetkin, Lênin e Trotsky apontavam a importância da emancipação da mulher e da sua participação na vida política, libertando-a das funções domésticas e criando condições, através do Estado, de criar espaços coletivos para esses fins, como creches, restaurantes e lavanderias públicas.

Zetkin reconhecia

a necessidade do trabalho com as mulheres, mas dentro do Partido:

*Não às organizações especiais para as mulheres. Uma mulher comunista é um membro do partido, da mesma forma que é um homem comunista, com os mesmos direitos e deveres. (...) No entanto, não devemos fechar nossos olhos ao fato que devemos ter organismos, grupos de trabalho, comitês, secretarias, o que você quiser, cujo dever principal é despertar as massas de trabalhadoras, para colocá-las em contato e mantê-las sob sua influência. Isso, obviamente, implica trabalho sistemático entre elas. Devemos formar aquelas que despertamos e ganhamos e equipá-las para a luta proletária sob a liderança do Partido Comunista.*

No terceiro Congresso da Internacional Comunista, realizado em 1921, foram aprovados os princípios e táticas do trabalho entre as mulheres, dentre os quais destacamos:

*“O que o comunismo pode dar às mulheres, o movimento feminino burguês não poderá dar. Durante o tempo em que existir a dominação do capital e a propriedade privada, a libertação da mulher é impossível.*

*O 3º Congresso da Internacional Comunista confirma os princípios fundamentais do marxismo revolucionário, seguindo aqueles pontos ‘especialmente femininos’; toda relação da operária com o feminismo burguês, assim como todo apoio dado por ela à tática de meias-medidas e franca traição dos social-coalicionistas e dos oportunistas só enfraquecem as forças do proletariado, retardando a revolução social e impedindo, ao mesmo tempo, a realização do comunismo, isto é, a libertação da mulher.*

*Chegaremos ao comunismo pela união na luta de todos os explorados e não pela união das forças femininas de classes opostas.”*

No mesmo período foi realizada a 2ª Conferência Internacional de Mulheres Comunistas. Neste evento foi aprovada a resolução que propunha celebrar oficialmente o Dia Internacional





das Mulheres no dia 8 de março, em referência ao dia em que as mulheres russas foram às ruas por pão e paz.

Com as complicações derivadas da estrutura econômica atrasada da Rússia e aplicação da Nova Economia Política (NEP), posteriormente distorcida no período stalinista, passou-se a retomar a antiga moral ligada à família. Utilizou-se o discurso de que os avanços econômicos propiciados pela NEP davam condições para que as famílias voltas-

sem a crescer. Esse período marcou um retrocesso na luta das mulheres russas.

O dia da Mulher passou então a ser celebrado como o “Dia das Mães”, retirando-se o caráter revolucionário da data, retomando ideias da mulher mãe, responsável pela geração dos filhos da nação.

#### **As conquistas das mulheres russas: um exemplo a ser seguido**

O período revolucionário trouxe diversos avanços para

as mulheres russas, avanços que países capitalistas nunca atingiram. Certamente essas conquistas foram fruto de intensos debates e formulações, que buscavam superar a moral camponesa e atrasada que ainda permanecia após a tomada do poder pelos Bolcheviques.

Uma das discussões dizia respeito ao papel da legislação no processo revolucionário. Parte dos juristas defendia o argumento de que as leis deveriam espelhar a realidade e, portanto, manter as relações sociais pautadas na moral da maioria da população. Outro grupo afirmava que as leis do Estado Operário deveriam levar ao avanço da moral e das relações sociais, apontando para um novo horizonte. Essa perspectiva foi vitoriosa em diversos momentos e materializou-se em leis importantes para as mulheres.

Nesse bojo encontram-se a legalização do aborto, realizado em hospitais públicos e de forma gratuita; a alteração da lei do divórcio, que passou a permitir que as mulheres também fizessem o pedido; o Novo Estatuto da Família, que igualava mulheres e homens em seus direitos dentro do casamento; a determinação de salário igual para trabalho igual de homens e mulheres; a instituição de programas que visavam a construção de creches, refeitórios e lavanderias públicas, fundamentais para retirar da mulher a responsabilidade por esses trabalhos.

Outro debate travado ao longo da revolução dizia respeito ao salário família versus salário igual para homens e mulheres. Apesar da tomada do poder político, diversos aspectos culturais e morais permaneciam na Rússia, entre eles a percepção, de parte do movimento sindical, de que a mulher não deveria sair do lar e que, portanto, deveria ser pago um salário família, que fosse pago ao marido e suficiente para o sustento familiar. Esse debate nos mostra um caráter revolucionário importantíssimo, que ainda diz respeito à luta das mulheres: a necessidade da independência financeira e a liberação das mulheres dos trabalhos domésticos. Os marxistas defendiam a necessidade da implementação do salário igual para trabalho igual.

#### **Em defesa de outubro**

Neste ano em que a Revolução Russa completa 100 anos, cabe aos marxistas resgatar seu legado, defendendo as conquistas daquele período, que ainda servem de exemplo e inspiração para toda a classe trabalhadora. Devemos afastar, de forma definitiva, a sombra stalinista que destruiu o Estado Operário e que ainda hoje serve de escudo para as críticas pós-estruturalistas e pós-modernas que florescem em todas as esferas da sociedade, principalmente na academia.

É preciso pontuar o retrocesso do período con-

trarrevolucionário, que voltou a proibir o aborto, defendendo um retorno da família tradicional burguesa como núcleo social, acarretando uma série de retiradas dos direitos das mulheres na década de 1930.

Devemos retomar os trabalhos de Lênin, Trotsky, Clara e Kollontai acerca da necessidade da superação do modo de vida moralista burguês, sobre a importância da participação da mulher na vida política e, especialmente, a diferenciação entre a pauta do feminismo burguês e a pauta de luta das mulheres trabalhadoras. É preciso superar as posições conciliadoras e reformistas, libertando as mulheres da ideia de que a disputa deste Estado seria um caminho para a libertação das mulheres.

Não haverá libertação das mulheres no capitalismo. As conquistas são volúveis e são as primeiras a serem retiradas pela burguesia nos momentos de crise do capital. É preciso realizar um trabalho entre as mulheres trabalhadoras, partindo das suas pautas mais sentidas, ampliando suas consciências e levando-as à compreensão da necessidade da organização lado a lado com os trabalhadores.

Estamos em um momento decisivo, todos e todas serão levados à luta, todos deverão tomar uma posição de classe e reafirmamos aqui o nosso lado: o lado dos trabalhadores!



**“A mulher proletária luta ombro a ombro com o homem de sua classe contra a sociedade capitalista”**

**Clara Zetkin**

## FORMAÇÃO



# Não queremos flores, Queremos o fim do capital!

LUCY DIAS

dlucy.1917@gmail.com

Desde o assentamento da sociedade de classes e da propriedade privada, as mulheres viram sua condição, enquanto membros ativos e organizadores das comunidades, reduzida ao trabalho mesquinho e privado do lar e à reprodução e manutenção da prole.

É no capitalismo, a partir das revoluções industriais e da transformação da família em unidade reprodutiva e de consumo, e do produto direto do desenvolvimento capitalista, a classe operária, que as mulheres passam a se inserir contraditoriamente na sociedade como assalariadas. Contraditoriamente porque se inseriram na produção social sem perder as obrigações da vida privada, a qual acumularam em todo o período anterior. E é neste contexto que as mulheres trabalhadoras, e portanto duplamente exploradas e oprimidas, passam a se inserir nas disputas sociais, nos espaços públicos, na discussão política, com relação aos direitos específicos e de classe. Ou seja, é no empuxo da luta de classes, com o desenvolvimento da produção capitalista e da classe operária, que se estabelecem as contradições necessárias para se desenvolver a “questão da mulher”.

O 8 de Março não pode ser

compreendido senão por dentro da história da luta de classes. Mesmo a luta pelo direito ao voto feminino contou com inúmeras greves de trabalhadoras que reivindicavam não apenas esta pauta civil, mas também sua luta direta contra a exploração do capital, reivindicações de melhores condições de trabalho, melhores salários etc.

Portanto, é no movimento da luta de classes que se desenvolveram os principais eventos que, em seguida, se tornaram os marcos para a criação do Dia Internacional das Mulheres Trabalhadoras, com um caráter efetivamente

de classe e socialista. Para citar alguns exemplos: a greve das operárias da indústria têxtil nos EUA entre o final do século XIX e início do XX, o incêndio de uma das fábricas, que matou centenas de mulheres operárias, a organização das mulheres pelo movimento socialista.

Já em 1910, durante a Segunda Conferência de Mulheres Socialistas, organizada pela II Internacional, a data foi estabelecida como dia de comemoração da mulher socialista, por proposta de Clara Zetkin.

A Revolução Russa foi o maior evento do século XX

e mantém vivo o seu legado para milhares de revolucionários pelo mundo. Ela deu a demonstração cabal de que a luta das mulheres não está separada da luta de classes. Foi a partir da greve e passeata das operárias têxteis russas, no dia 23 de fevereiro de 1917 (pelo calendário Juliano; 08 de março, no calendário Gregoriano), que milhares de mulheres marcharam pelas ruas de Petrogrado, exigindo Fim da Guerra e Pão para os Trabalhadores e Liberdade. Elas incendiaram toda a Rússia, levando à queda do Czar Nicolau II, cinco dias depois.

O significado que é confe-

rido à data atualmente nada tem a ver com sua origem. Foi apagada depois de anos de patrocínio da ONU, a partir de sua criação em 1975, muito depois das comemorações e dos dias marcados pela luta das mulheres operárias e socialistas.

O mesmo capitalismo que hipocritamente comemora o “Dia das Mulheres” empurra milhares de nós para o desemprego, salários desiguais, austeridade e contrarreformas, opressão, duplas e triplas jornadas!

Afirmamos que nem a socialdemocracia e nem a burguesia são capazes de oferecer saídas para a emancipação plena das proletárias e sua classe. Exatamente por isso, os marxistas reivindicam o legado e a origem do Dia Internacional das Mulheres não apenas como um dia de luta, mas como a inscrição histórica das mulheres trabalhadoras e de seus companheiros de classe na luta pela emancipação do capital.

E marchando juntos, conscientes de seu papel transformador, homens e mulheres levantarão uma nova sociedade por cima dos escombros desta de bárbaras. Uma nova sociedade que, liberando as forças produtivas da apropriação privada, irá liberar homens e mulheres para viverem plenamente o significado de pertencer à Humanidade.



Manifestação de 23 de fevereiro de 1917, com trabalhadores do Moinho Putilov em Petrogrado

## SINDICAL

# Vitória dos trabalhadores do serviço público municipal de Florianópolis!

## Unidade na construção das greves de massas para enfrentar o ajuste fiscal

ALEX SANTOS  
alexsbssem@gmail.com

A maior greve em adesão dos trabalhadores do serviço público municipal de Florianópolis chegou ao fim após 38 dias de luta. O Sintrasm, sindicato da categoria, que tem na sua direção militantes da Esquerda Marxista, galgou o difícil caminho de construir a unidade de diversas forças políticas e de todos os trabalhadores em torno de uma pauta.

Em 11 de janeiro o Prefeito enviou à Câmara de Florianópolis 36 projetos apelidados pelo Sintrasm de “o pacote de maldades de Gean Loureiro”.

No dia 16 de janeiro nova assembleia foi realizada e a votação pelo início da greve foi unânime: estava iniciada a greve pela retirada do “pacote de maldades” do Prefeito Gean Loureiro (PMDB).

Entre 17 e 23 de janeiro, o Sintrasm procurou se articular com várias entidades sindicais e outros movimentos sociais, por meio do Fórum de Lutas em Defesa dos Direitos, do qual participavam representantes da CUT, CTB, CSP/CONLUTAS e INTER-

SINDICAL, Unidade Clássica. No dia 23 de janeiro realizamos um Ato Público e uma Assembleia Popular em frente à Câmara Municipal.

No dia 24 de janeiro ocorreu a aprovação de todas as leis que retiravam nossos direitos. Enquanto a votação acontecia, do lado de fora a Guarda Municipal e a Polícia Militar reprimiam a manifestação com spray de pimenta, bombas de gás lacrimogênio, tiros de balas de borrachas e cassetetes. Os trabalhadores reagiram à violência, atirando cadeiras sobre os policiais e os guardas municipais.

A partir desse momento a mobilização foi descentralizada e diversas atividades foram realizadas nos bairros, incluindo panfletagem de cartas abertas.

Em 7 de fevereiro foi realizada uma das maiores assembleias já feitas pelo Sintrasm. Cerca de 9 mil trabalhadores votaram unanimemente pela continuidade da greve e pela adesão do magistério ao movimento. Pela primeira vez o ano letivo não foi iniciado nas unidades educativas municipais. O Prefeito Gean Loureiro entrou com

ação na justiça pedindo a ilegalidade da greve e o TJ concedeu. Como a greve continuou, o Procurador Geral do Município, Diogo Nicolau Pitsica, pediu a prisão e destituição da diretoria do Sintrasm e a intervenção da justiça no sindicato. A Esquerda Marxista e a Corrente Marxista Internacional (CMI) deram início a uma campanha internacional em defesa das liberdades democráticas e pelo atendimento das reivindicações. Mais de 500 entidades enviaram moções para os e-mails do Prefeito, do Procurador e da Desembargadora.

No dia 16 de fevereiro mais de 25 entidades sindicais, movimentos sociais e organizações de juventude, além da direção nacional da CUT e Luciana Genro, liderança do PSOL, se uniram aos trabalhadores municipais, participando de um grande ato que parou o centro de Florianópolis. Foi sob essa pressão que a Desembargadora Vera Lúcia Copetti do TJ recusou o pedido de prisão dos dirigentes e de intervenção no sindicato.

A entrada do magistério na greve elevou a qualidade do movimento e permitiu a realização de mais de 50 reuniões em diversos bairros da cidade, estabelecendo diálogos entre os servidores e os usuários do serviço público, com uma campanha que se espalhou pela cidade: #Fora Gean! Nenhum direito a menos!

No dia 21 de fevereiro fomos surpreendidos com a intimação da Desembargadora Vera Lúcia Copetti que, a pedido do Prefeito, abriu negociações entre as duas partes, agendada para o dia 22 de fevereiro. A proposta que surgiu na mesa foi apresentada no mesmo dia à categoria, que decidiu interromper a assembleia até o dia seguinte. No dia 23 de fevereiro a assembleia continuou em clima



Dia 16 de janeiro, aprovação do início da greve contra “pacote de maldades”

de euforia, com sentimento de vitória da nossa estratégia, da nossa persistência, da nossa capacidade de organização. A votação expressou essa unidade.

O resultado da forte mobilização, com uma greve massificada e o diálogo direto com a população, foi a revogação da maioria absoluta das medidas que atacavam os trabalhadores do serviço público municipal. Encerramos a greve!

Nesse exemplo, realizaram diversas assembleias de massa, mobilizando os trabalhadores da base com roteiros nos locais de trabalho, com a participação do conselho de representantes de locais de trabalho, eleitos pelos seus pares. Ocorreram panfletagens e reuniões com a população nos bairros. Articulações foram estabelecidas com outros

sindicatos filiados à CUT, outras centrais sindicais e sindicatos que não são filiados a nenhuma central, com associações comunitárias, movimentos populares.

No momento atual, na luta contra a Reforma da Previdência e a Reforma Trabalhista, o exemplo dos trabalhadores de Florianópolis deve ser seguido pelas CUT, demais Centrais Sindicais e movimentos populares que se reivindicam da luta de classes. Assumindo essa experiência como norte, precisamos construir uma Plenária Nacional que discuta formas e meios de derrotar contra a Reforma da Previdência e a Reforma Trabalhista do Presidente ilegítimo Michel Temer. Viva a luta de classes! Viva a classe trabalhadora! Viva o socialismo!



Assembleias e manifestações foram combinadas com diálogos nos bairros

## JUVENTUDE

# Reforma do Ensino médio e a campanha publicitária do governo

BRUNA DOS REIS  
mreis.bruna@gmail.com

No dia em que sancionou a Reforma do Ensino, 16 de fevereiro, Michel Temer discursou: a medida faz parte de um “governo de reforma e ousadias”. Que, como não tem nenhum apoio e muita rejeição, investe fortemente em propaganda no rádio, na TV e na internet para mentir sobre a Reforma do Ensino, fazendo parecer que se preocupa e quer melhorar a educação pública.

As propagandas afirmam que quem conhece e entende a reforma concorda com ela. Utilizam uma pesquisa contratada pelo próprio governo ao IBGE, segundo a qual, 72% dos entrevistados concordam com a medida. Isso é medido pela resposta à tendenciosa pergunta: “O senhor é a favor ou contra a reformulação do ensino médio que, em linhas gerais, propõe ampliação do número de escolas de ensino médio em tempo integral, permite que o aluno



Governo Temer pagou youtubers para fazer parecer a reforma como positiva

*escolha entre o ensino regular e o profissionalizante, define as matérias que são obrigatórias, entre outras ações?”*

A Esquerda Marxista vem explicando desde a apresentação da Medida Provisória que ela causará, em pouco tempo, o fim da educação pública brasileira. Isso porque as “outras ações” da reforma, camufladas na pergunta do IBGE

e nas propagandas do governo são: a legitimação da privatização da escola, permitindo que se contrate, com dinheiro público, empresas para ministrarem cursos que farão parte da carga horária regular; a redução da carga horária mínima para o ensino médio das atuais 2.400 horas para a metade, 1.200 horas; a contratação de profes-

res com “notório saber”, destruindo a carreira dos professores habilitados e a qualidade do ensino.

O discurso do governo é de que vivemos tempos em que a austeridade e a redução dos gastos públicos são necessários. Mas, segundo a Folha de São Paulo, R\$ 295 mil foram pagos para youtubers elogiarem a reforma. Apesar dos aviltantes esforços desse governo que não nos representa em distorcer o ataque que faz ao nosso direito de educação, a juventude não é boba. Deu em 2016 demonstrações de que está consciente da necessidade de combater a reforma e lutar para que tenhamos educação pública, gratuita e para todos, em todos os níveis. Neste ano que se inicia, nossa tarefa é construir um forte movimento de massas, de estudantes e professores, capaz de derrubar, junto com a reforma, Temer e o Congresso Nacional.

## Lutar pela redução das mensalidades

Uma das grandes dificuldades enfrentadas pela juventude é o acesso à universidade. Atualmente, aproximadamente 7 milhões de jovens estão no ensino superior. Desse total, cerca de 76% estudam em Instituições de Ensino Superior (IES) privadas. Somando-se ao baixo número de vagas ofertadas nas públicas, o alto valor das mensalidades dificulta o acesso da juventude às salas de aula.

Religiosamente, ano após ano, a maioria das universidades privadas aumenta os valores das suas mensalidades. Em 2017, na PUC-SP, por exemplo, o aumento das mensalidades do curso de Direito foi superior a 10%, enquanto que a inflação em 2016 fechou em 6,29%. Subida semelhante foi vivida nas escolas particulares, sempre acima da inflação. Isso representa transferência e trancamento de matrícula de diversos estudantes.

Os constantes aumentos, em conjunto com o pacote de cortes de verbas para as IES públicas, representaram uma redução de 25% no número de ingressantes na graduação. A juventude é afastada ainda mais das universidades, ampliando a lógica elitista da educação e na ampliação da exclusão da classe trabalhadora.

A juventude não pode aceitar os aumentos das mensalidades. As entidades estudantis devem mobilizar em cada universidade particular para barrar os aumentos, lutando pela imediata redução dos valores. Devemos lutar por educação pública, gratuita e para todos, que toda a juventude tenha acesso à educação!

GABRIEL PINHO  
gabriel\_pinhob@hotmail.com

## UNE reúne entidades para agitar volta de Lula

DAISON COLZANI  
daisonroberto@gmail.com

De 17 a 19 de março, em São Paulo, acontece o Conselho de Entidades Gerais da União Nacional dos Estudantes (Coneg). O Encontro deve preparar o 55º Congresso da entidade que deverá acontecer entre junho e julho.

O Coneg deveria ser um importante momento de discussão sobre a conjuntura e as ações e posições da UNE em meio a situação política. É claro que isso é na teoria. Na prática a direção majoritária da UNE deve aprofundar a construção da campanha Lula 2018. Essa posição se intensificou desde a última reunião da Direção Executiva, em que a majoritária com um discurso de “unidade” deixou claro que esse será o mote do próximo período.

Não é de hoje que a UNE vem sendo utilizada como extensão para defesa das posições dos governos Lula-Dilma. A majoritária está profundamente ligada ao antigo governo onde as correntes políticas que compõem a maioria da direção ocuparam posições importantes. Ou seja, durante todos os anos foi estabelecida uma relação umbilical entre governo e UNE.

As conseqüências desse governismo ou do agora desejo de retornar ao governo federal conduzem a UNE para cada vez mais longe dos estudantes. Hoje uma vanguarda participa e faz o combate dentro da entidade, mas é a isso que a UNE está reduzida. Em muitos lugares a UNE só é lembrada pela carteirinha estudantil, não como filiação a entidade, mas como



Liberdade e Luta proporrá retomar bandeiras abandonadas pela direção atual

meio de garantir o direito a meia entrada. Na prática é a venda de um direito.

Acreditamos que a UNE deve estar a serviço dos estudantes e das suas reivindicações. Em primeiro lugar retomar a defesa de suas bandeiras históricas como a Educação pública, gratuita e para todos. Ela está inscrita em sua Carta de Princípios aprovada no Congresso de

Reconstrução de 1979. É sob o eixo de retomada dessa posição que a Liberdade e Luta deve participar desse Coneg e construir sua delegação ao 55º CONUNE. Neste centenário da Revolução Russa, a homenagem que os estudantes combativos devem prestar é continuar a batalha para colocar nossa entidade novamente no rumo de sua Carta de Princípios.